

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

164

INSCRIÇÕES 640-642



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



PLACA FUNERÁRIA NOS ARMAZÉNS SOMMER (LISBOA)
(*Conventus Scallabitanus*)

Em Março de 2015, durante os trabalhos arqueológicos que revelaram a morfologia arquitetónica da muralha romana tardia, foi identificado um elemento epigráfico, fragmentado, empregue na regularização da face interna da estrutura defensiva. Esta descoberta ocorreu no decurso das escavações levadas a efeito pela empresa Neopéica¹, nos designados Antigos Armazéns Sommer, situados na Rua Cais de Santarém, n.ºs 40 a 64, freguesia de Santa Maria Maior, em Lisboa. Trata-se sensivelmente da metade direita de uma placa funerária romana epigrafada, de lioz com pátina rosada, em dois fragmentos que se complementam. Esta fractura recente ocorreu ao nível da l. 3, mas não interfere com a compreensão do texto.

Pelo facto de ser delgada, a face posterior estar rudemente desbastada e as arestas da direita e inferior serem irregulares e apresentarem ainda restos de argamassa, tudo isso nos leva a crer que estaremos perante prováveis vestígios da sua reutilização na estrutura defensiva; poder-se-á, contudo, levantar igualmente a hipótese de se tratar de restos da argamassa para tapar o lóculo dum columbário ou para incrustar na superfície frontal duma ara. São notáveis, nesse aspecto, as semelhanças – tipológicas e, até, epigráficas – com monumentos achados em Tróia, onde há testemunhos dessa utilização.²

¹ RIBEIRO, Ricardo Ávila; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; e ROCHA, Miguel, «Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer, Lisboa (2014-2015)», in *I Encontro de Arqueologia de Lisboa*, Centro de Arqueologia de Lisboa/Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 2017, p. 223-245.

² Vejam-se IRCP 212 e 218.

Dimensões: (23) x (17,3) x 2,3.

Campo epigráfico: (17,3) x (15).

D(is)M(anibus) / [DO]MITIVS / [PA]TER (*hedera*) Y(*hedera*)
GI[...]I FILIAE FE^s[CIT] [A]N(*hedera*)N(*orum*) III (*trium*)

Aos deuses Manes. Domício, o pai, fez para a filha, Higi..., de três anos.

Altura das letras: l. 1: 3; l. 2: 1,9/2,5; l. 3: 2,5/2,8; l. 4: 2,7; l. 5: 2,3. Espaços: 2: 1; 3: 1,6; 4: 1,25; 5: 0,9; 6: 3.

A paginação terá obedecido a um eixo de simetria. Sente-se nas serifas dos caracteres e na regular horizontalidade das barras (do E e do F) que houve prévias linhas de pauta. Pontuação, sem regra, de heras inclinadas da direita para a esquerda (em sentido descendente), de limbo lanceolado e pecíolo oblíquo.

Gravação com badame, a obter bom efeito de claro-escuro. Caracteres actuários, de vértices com serifas, como se disse. M largo; o vértice do V descansa em breve traço horizontal; S assimétrico; R grafado a partir do P; Y desenhado com dois movimentos: o primeiro de cima para baixo, a formar a perna da direita, a que se juntou, em corte, a haste da esquerda; o G é um C de graciosa ‘vírgula’ inferior; A em forma de lambda e de travessão menos profundo. Note-se o invulgar preciosismo com que, na última linha, o pecíolo da hera se prolonga sobre o segundo N como que para indicar a abreviatura.

A restituição da l. 1 – pela frequência com que assim aparece, sem S(*acrum*) – não oferece dúvida. Restituir *Domitius* também parece viável. É *nomen* que igualmente se usou como nome único.³ No início da l. 3, há a ponta da barra do T de PAT, sendo assaz verosímil a reconstituição PATER. A inserção da *hedera* no meio da abreviatura ANN (*orum*) permite-nos avançar a hipótese de o Y da l.

³ Segundo os dados do *Atlas Antroponímico* – NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003 – p. 162, mapa 114, registaram-se na Lusitânia 4 testemunhos dessa utilização como nome único, um dos quais na *civitas Igaeditanorum*, em que um *Domitius* erige monumento *patri matri sorori* (HEpOL reg^o n^o 20164).

3 formar uma palavra com a sílaba seguinte, GI. Ora, partindo desta hipótese, haveria a omissão do H inicial, outras vezes documentada⁴ e sugerir-se-ia *Hygi-*. Não padece dúvida que foi propositada a identificação do pai no princípio do epitáfio, por dois motivos: a filha tem apenas 3 aninhos e na mesma sepultura almeja o pai vir a ser depositado. Antes da palavra *filiae* estará, por conseguinte, em dativo, a identificação da defunta; a terminação em I no dativo aponta para nome da 3^a declinação, o que, atendendo a que será nome feminino, determina – na sequência, aliás, da grafia com Y – um antropónimo etimologicamente grego. Inventariámos de boa mente *Hygiadi*, não fora esse um caso único; *Hygina* seria mais viável, mas não é da 3^a declinação e um dativo em *-ai*, não sendo totalmente despropositado, constituiria singularidade extrema.

Importa ainda justificar FE[CIT]. A exemplo do que ficou exarado em IRCP 351, de *Pax Iulia*, onde se refere que o escravo *Hispallus* morreu com 3 anos e foi o pai *Euhodus* quem lhe fez o epitáfio,⁵ também nos inclinamos a que, neste caso, o pai expressamente tenha querido assinalar a sua intervenção na feitura do monumento funerário; não mandou fazer (seria *faciendum curavit*), mas fez, ou seja, manifestou a sua grande mágoa mediante a intervenção directa na erecção da sepultura.

Estranhar-se-á não haver uma fórmula final. Seria despropósito, dada a tenra idade da defunta e, além disso, por haver a implícita intenção paterna de ali vir a repousar também.

Pela estrutura textual e pelo uso de um *nomen* latino como nome único apontar-se-ia, como datação da epígrafe, a segunda metade do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

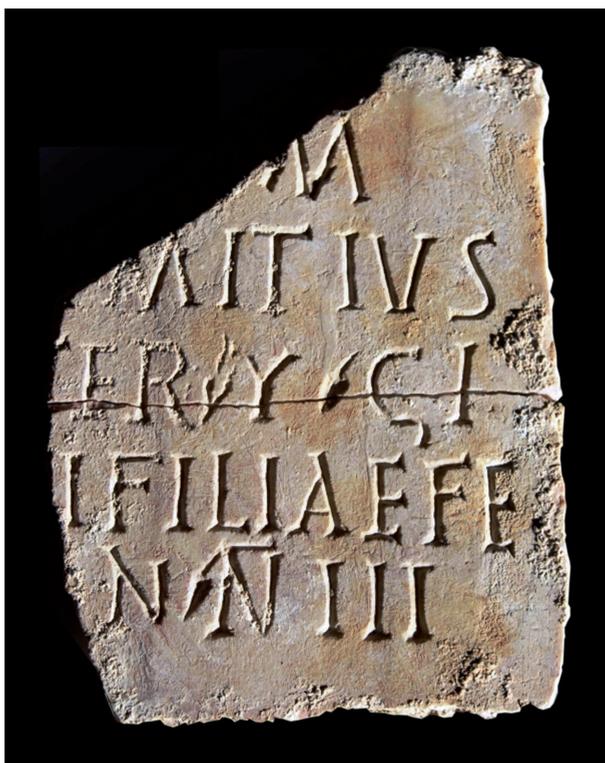
NUNO NETO

PAULO REBELO

RICARDO RIBEIRO

⁴ CIL II p. 1187: «*h omissa in principio vocabuli*», mormente «*in vocabulis Graecanicis*».

⁵ Veja-se «Sociedade e cultura em *Pax Iulia*, através da epigrafia», in GÓMEZ MARTÍNEZ (Susana) e MACIAS (Santiago) e LOPES (Virgílio) [coord.], *O Sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão*, Campo Arqueológico de Mértola, 2014, p. 26-28. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/28431>



164